

ARCHIVO ARCHITECTURA CIVIL JORNAL

ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS PORTUGUEZES

ARTE-SCIENCIA-HISTORIA

PHILOSOFIA DA ARTE
APRECIAÇÃO DAS CONSTRUÇÕES DOS EDIFÍCIOS
PÚBLICOS E PARTICULARES
STEREOTOMIA
BIOGRAPHIA DOS ARCHITECTOS NACIONAIS
E ESTRANGEIROS

HISTORIA MONUMENTAL
DECORAÇÃO PERTENCENTE A ARCHITECTURA
CONSTRUÇÕES URBANAS E RURAES
ARCHEOLOGIA
REVISTA ESTRANGEIRA SOBRE O PROGRESSO
DAS BELLAS ARTES

ACOMPANHADO DE ESTAMPAS

NO EDIFÍCIO GÓTHICO PARA ARCHEOLOGIA NACIONAL, NO LARGO DO CARMO

LISBOA

TYPOGRAPHIA DA GAZETA DE PORTUGAL

20, Travessa da Paróquia, 20

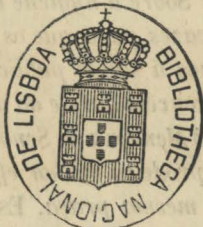
1865



ARCHIVO DE ARCHITECTURA CIVIL

JORNAL

DOS



ARCHITECTOS PORTUGUEZES E ARCHEOLOGOS

SUMMARIO

Associação dos architectos civis portuguezes: Synopse dos trabalhos da associação, lida na primeira sessão da assembléa geral, pelo sr. José da Costa Sequeira.—**Advertencia:** prefacio; Idéa geral da architectura, pelo mesmo senhor.—**Elogio historico de José da Costa e Silva,** architecto portuguez, recitado na associação dos architectos civis portuguezes, na sessão publica e solemne de 22 de janeiro de 1865, pelo abbade A. D. de Castro e Sousa, socio da mesma associação.—**Elogio historico do architecto João Francisco Ludovice,** recitado na sessão solemne de 22 de maio de 1865, pelo sr. J. Vilhena Barbosa.—**Boletim do trimestre;** abril a junho de 1865.

ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS PORTUGUEZES

SYNOPSIS DOS TRABALHOS DA ASSOCIAÇÃO LIDA NA PRIMEIRA Sessão DA ASSEMBLÉA GERAL

Senhores. — Como 1.^o secretario da mesa da assembléa geral da associação dos architectos civis portuguezes vou hoje dar-vos conta dos trabalhos effectuados pelos socios fundadores, desde o primeiro dia em que se congregaram até á presente data.

Na primeira reunião geral d'esta assembléa, ordenada pelo artigo 1.^o do regulamento interno, que já vos foi presente, decorridos apenas quatro mezes incompletos depois que se juntaram pela primeira vez alguns socios fundadores, não deveis esperar pomposos detalhes, nem descripções grandemente satisfatorias. Mas se a vossa expectação não poder ser n'este sentido cabalmente entretida, nem preenchidos desde já os vehementes desejos dos artistas que appellaram para a vossa indispensavel e honrosissima coadjuvação, nem por isso ficareis de todo descontentes, ou elles desconceituados, na presença das provas que podereis colher da efficacia e perseverança de todos em satisfazer as obrigações a que se comprometteram.

Se não fôr fertil esta synopse dos trabalhos de que deveis ter conhecimento, não deixará de mostrar-se *esperançosa*, e de provar plausivelmente que os architectos portuguezes anhelam por vêr a sua classe, até agora tão desligada e pouco favorecida, tão bemquista e honrada como o é em toda a parte em que se cultiva, e protege a mais util e importante de todas as artes liberaes!

No dia 22 de novembro do anno ultimo teve logar a primeira conferencia de oito socios architectos, fundadores da associação, os quaes correspondendo ao honroso convite que lhes havia sido endereçado pelo ill.^{mo} sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, para se congregarem e reunirem, a fim de advogarem a nobre causa da architectura civil, que andava—por assim o dizermos—*á revelia*, não hesitaram um momento em vir dar o seu voluntario contingente de dedicação e esforço, apesar da arruinada saude de muitos, e do cansaço de todos, originado pelo grande numero de annos gastos no serviço do Estado. N'esta occasião apresentou o sr. Silva um projecto de estatutos para a gerencia da associação, o qual agradando em geral, mas

devendo ser em parte modificado e accomodado ás idéas de todos os socios, ficou sobre a mesa para ser examinado detidamente, passando depois pelos tramites de uma discussão e approvação regular.

Na idéa de reforçar a associação participou desde logo o sr. Silva, que havia dirigido cartas de convite aos srs. architectos portuguezes Lucas José dos Santos Pereira, director das obras do edificio de Santa Maria da Batalha; aos dignos professores de architectura da academia portuense de bellas artes, e aos srs. architectos da camara municipal da cidade do Porto, esperando que todos annuissem (como de facto annuiram) a uma tão honrosa convocação.

Na segunda reunião celebrada a 30 do referido mez, depois de resolvidos varios assumptos economicos, passou-se á eleição dos socios que deviam compôr a mesa, resultando a approvação dos seguintes srs.: Joaquim Possidonio Narciso da Silva, presidente; José da Costa Sequeira, 1.^o secretario; Paulo José Ferreira da Costa, 2.^o dito; Feliciano de Sousa Correia, thesoureiro; os quaes começaram desde logo a exercer regularmente os seus logares.

Passando-se depois á discussão dos artigos dos estatutos, previamente examinados, e colligidas as emendas feitas pelos socios, e approvadas pela mesa, por decisão d'esta, nomeou o sr. presidente uma comissão composta do 1.^o secretario José da Costa Sequeira, e dos srs. Paulo José Ferreira da Costa, e Valentim José Correia para darem nova fôrma e conveniente redacção ao citado projecto.

Na terceira reunião, que teve logar a 20 de dezembro do referido anno, fez-se a leitura do projecto de estatutos redigido de novo pela comissão, sendo approvado com breves emendas; decidindo-se que se passasse a limpo para subir á regia approvação.

O sr. presidente apresentou o projecto de regulamento interno para ser examinado por todos os socios. Discutiram-se e resolveram-se outras propostas relativas á administração economica da sociedade.

A 22 de janeiro do corrente anno effectuou-se a quarta reunião dos socios fundadores, recebendo-se com pesar de todos, a noticia de ter sido accommettido por um ataque apopleptico o ill.^{mo} sr. Manuel José de Oliveira Cruz nosso digno collega. Sob proposta do sr. Valentim, votaram-se agradecimentos ao ill.^{mo} sr. Ernesto Augusto Possidonio da Silva, filho do sr. presidente, pela proveitosa coadjuva-



ção prestada á sociedade, cujo expediente tem sido quasi todo copiado a limpo nos livros pelo referido sr., que para isso se offereceu voluntariamente. Começaram-se a discutir os artigos do projecto do regulamento interno, encarregando-se os secretarios da mesa de o coordenar, e de lhe dar nova redacção. O sr. presidente apresentou os seguintes thêmas de assumptos que devem ser tratados pela associação: 1.º *condições locais, commodidades, e demais requisitos que devem ter as habitações das classes operarias.* 2.º *Designação das diferenças que devem haver entre os edificios religiosos da capital, espaços occupados por suas plantas; classificação e diferenças dos estylos das respectivas decorações, etc.* 3.º *Sobre a hygiene applicada ás edificações; e propostas dos meios efficazes para que os canos das pias vedem as emanções dos gazes nocivos á saude publica.* 4.º *Indicação da fórma mais apropriada que convém dar-se ao monumento que se pretende edificar e consagrar á Memoria do Senhor D. Pedro IV, na praça do seu nome, para que produza melhor effeito, sem que destrua a belleza e regularidade da mesma praça.* Estas bases foram numeradas por ordem, para entrarem opportunamente em discussão.

O sr. P. J. Ferreira da Costa, apresentou tambem os seguintes thêmas: 1.º *Que a sociedade encarregue um ou mais artistas do seu gremio de examinarem os principaes edificios do reino, confeccionando memorias ácerca d'elles para serem conhecidas dos estudantes de architectura, e do publico.*—2.º *Que a associação peça ao governo pelo ministerio das obras publicas, amostras de todos os materiaes de construcção, produzidos e empregados nos diversos districtos do reino, com os respectivos preços, referidos ao systema metrico.*—3.º *Que peça tambem ao governo pelo dito ministerio, satisfaca ás perguntas que fizer a associação ácerca da nomenclatura da architectura, encarregando-se um ou mais socios de confeccionar um vocabulario da arte, etc.*—*Que se peça ao governo haja de determinar qual deve ser o curso de estudos que devem fazer os individuos que quizerem obter o diploma de architecto civil; e se convém adoptar-se o curso de Hespanha, que não augmenta a despesa do Estado.*—No 5.º thema exige o proponente que a associação trate de adquirir por intervenção do governo, as plantas, alçados e córtes de todos os edificios publicos do reino, para ficarem no seu archivo, dando-se cópias ás academias de bellas artes de Lisboa e Porto, etc.

Estas propostas foram todas remetidas ao conselho facultativo para que as respectivas secções dêem o seu parecer sobre ellas.

Na quinta reunião, finda a leitura do expediente, foi proposto e approvedo para socio fundador o ex.^{mo} conselheiro João Maria Feijó, professor da antiga aula de architectura, director e lente decano da escola do exercito, cujos conhecimentos em architectura civil são assás notorios. Os secretarios deram conta da nova redacção do projecto do regulamento interno, feita na conformidade das emendas approvedas pela mesa, ficando prompto para se imprimir.

Na sexta reunião, depois de se tratar dos objectos economicos da associação, leram-se os pareceres da commissão encarregada de examinar as propostas para a admissão de novos socios, sendo depois eleitos e approvedos unanimemente os ill.^{mos} e ex.^{mos} socios amadores: Duque de Loulé, marquez de Sousa Holstein, marquez de Sabugosa; os dignos pares do reino: José Isidoro Guedes, e Miguel do Canto e Castro, Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, Francisco Gerschey, Pedro de Alcantra e Silva, Francisco José de Almeida, Ernesto Augusto Possidonio Narcizo da Silva, Eduardo Augusto da Fõnseca Vasconcellos, Estevão de Sousa, D. João da Camara, conde do Farrobo, o abbade Antonio Damaso de Castro e Sousa, João José Alves Freineda, Antonio José Colffs Guimarães, conde de Peniche, Guilherme Domingues Velloso, Manuel da Fonseca Pinto, director da academia das bellas-arts da cidade do Porto.

Estes ex.^{mos} e benemeritos cavalheiros aceitaram as suas nomeações dignando-se de assim o fazer constar á sociedade nos termos mais obsequiosos.

N'esta sessão deu parte o sr. presidente, que Sua Magestade se dignára approvar os estatutos da sociedade.

Na setima reunião depois do expediente ordinario apresentou o sr.

presidente a carta regia que confirmou a lei da sociedade. Foram approvedos para socios amadores com as formalidades marcadas nos estatutos, os ill.^{mos} e ex.^{mos} srs. conde da Carreira, José Maria Eugenio de Almeida, commendador Jorge Husson da Camara, José Xavier da Silveira da Motta, conde de Penafiel, José Carlos Rodrigues Sette, marquez de Rezende, e Thadeo de Almeida Furtado.

O sr. presidente offereceu mais duas propostas, a 1.ª *Para quea associação solicite do governo a entrega do edificio arruinado da antiga egreja do Carmo d'esta cidade, para se mandarem ali recolher os fragmentos architectonicos que forem dignos de conservacção, formando-se uma colleccção dos que existirem na capital, e fazendo-se depois o mesmo com os que se encontrarem nas provincias em estado de abandono.* Sendo approveda esta proposta, já a sociedade pediu ao ex.^{mo} ministro do reino a mencionada concessão, esperando obter benigno deferimento. Na outra proposta, que foi muito bem aceita, offereceu-se o sr. presidente a dar prelecções de stereotomia, duas vezes por semana a alguns estudantes de desenho de architectura pertencentes ás classes industriaes. Teve igualmente logar a eleição dos membros permanentes e adjuntos que devem compôr as tres secções de que trata o artigo 3.º dos estatutos, cujos nomes constam da tabella que se acha collocada na sala das sessões.

Em a oitava reunião teve a sociedade a satisfacção de ouvir ler muitas cartas dos ex.^{mos} socios amadores declarando com expressões mui obsequiosas que aceitavam as suas nomeações, e igualmente uma carta do distincto architecto francez mr. Victor Baltard, membro do instituto e vice-presidente da associação central dos architectos francezes, na qual declara que aceitava as propostas de correspondencia entre aquella associação e a dos nossos architectos, conforme lhe havia proposto o seu amigo, o nosso presidente; participação que foi recebida pela associação com grande prazer.

Foram propostos e approvedos com as precisas formalidades, os ill.^{mos} e ex.^{mos} srs. socios amadores duque de Palmella (Antonio), conde de Mello, e João Maria de Figueiredo Frescata; e os ill.^{mos} srs. socios artistas Rafael da Silva Castro e Pedro Augusto Serrano.

O 1.º secretario J. da C. Sequeira offereceu ao exame da assembléa um esboço com a planta e alçado de um dos quarteirões de casas, de que se deve compôr o bairro dos operarios.

Em a nona reunião da sociedade, entre outras cousas que se propozeram e resolveram, apresentou o sr. presidente um projecto delineado pelo socio fundador o ill.^{mo} sr. Lucas José dos Santos Pereira, para o novo bairro dos operarios, e uma planta que o mesmo sr. presidente inventára para o mesmo fim. Estes desenhos depois de examinados, remetteram-se á competente secção. Approvaram-se com as formalidades exigidas nos estatutos os seguintes cavalheiros:—Antonio Sezinando Pereira da Silva, José Geraldo Felgueiras Junior, e Antonio Thomaz da Fonseca, socios artistas.—E os ill.^{mos} e ex.^{mos} srs. conde da Ponte, Miguel Osorio Cabral de Castro, e o commendador Sebastião Ribeiro de Sá, socios amadores.—Tres novos themas foram apresentados pelo sr. presidente, sendo o 1.º—*sobre a descoberta dos meios mais faceis para se estabelecerem ventiladores em os nossos theatros, que renovem o ar em dias de grandes enchentes.* O 2.º *a respeito das vantagens que se podem offerecer em o nosso clima, das coberturas de metal nos edificios, e sua comparação com as de telha ordinaria, etc.* A 3.ª *para que se indique a melhor fórma que se póde dar á entrada ou adro da igreja de Santos o Velho, para aformosear a mesma igreja, e o largo proximo, etc.* Remettidos ás competentes secções.

Em a decima sessão, finalmente, depois de se fazer a definitiva nomeação de todos os socios artistas, e amadores que devem compor as secções, confeccionando-se a competente tabella para ficar exposta na sala das sessões: tratando-se de mais alguns objectos de interesse economico e administrativo, resolveu-se que no dia 3 do corrente, por ser o 1.º domingo do mez de abril, se reunisse a assembléa geral na conformidade do que ordena o artigo 1.º do regulamento interno, em a qual se fará o relatorio de todos os trabalhos effectuados.

Em breve resumo julgo ter-vos dado conta dos trabalhos da nossa associação.—Constituiu-se portanto em breve tempo—preparou e dis-

cutiu a lei que a devia reger—submetteu-a á regia approvação, obtendo a graça de a ver confirmada.—Começou com zelo e dedicação a preparar trabalhos que a possam vir a acreditar.

Alguns obstaculos tivemos de vencer, e soffrer o desgosto pela perda do ill.^{mo} socio Joaquim da Costa Lima, digno professor da academia portuense de bellas artes, cujo nome apenas inscripto na relação dos socios fundadores, foi logo eliminado pela inexoravel mão da morte!

Com mágoa sentimos tambem á falta de comparecerem aos nossos trabalhos os ill.^{mos} socios fundadores Manuel José de Oliveira Cruz, Verissimo José da Costa, e João Pires da Fonte, cujas graves molestias bem depressa os impossibilitaram de nos prestarem coadjuvação.

Não desconhecemos as gravissimas difficuldades que devemos vencer para chegarmos ao complemento dos nossos patrioticos desejos. Antevemos os trabalhos que nos cumpre effectuar.

Mas não descoraçoámos, desde o instante em que nos achámos favorecidos com o munificente beneplacito de el-rei o sr. D. Luiz I, e secundados e honrados pelos illustres e benemeritos cavalheiros mais distinctos de Portugal.

Sala das sessões da assembléa geral dos architectos portuguezes, 3 de abril de 1864.

O 1.^o secretario,
José da Costa Sequeira.

ADVERTENCIA

Tendo a associação dos architectos civis portuguezes deliberado fazer algumas publicações, em as quaes se tratem e discutam as importantes questões que dizem respeito á architectura civil, convidando-nos para um fim tão importante e instructivo, e não duvidando aceitar o parco contingente que lhes podemos offerecer; e julgando nós que o meio mais prompto e efficaz de correspondermos a este honroso convite, é o de procurarmos fazer conhecer a inquestionavel utilidade e alta supremacia de uma arte tão pouco cultivada e favorecida entre nós desde o meado do seculo antecedente, a qual, como diz com verdade e energia o nosso sublime poeta o finado visconde de Almeida Garrett, *«tanto se tem prevertido desde a referida época, os estragos do terremoto grande quebraram por tal modo os fios de todas as tradições da architectura nacional, que na Europa, no mundo todo talvez, se não ache um paiz onde a par de tão bellos monumentos antigos como os nossos se encontrem tão villans; tão ridiculas e absurdas construcções publicas como essas quasi todas que ha um seculo se fazem em Portugal...»* Desejando de ha muito, dizemos, com a mais desinteressada e ardente vontade contribuir de algum modo para que se introduza na fatal roda da desenfreada licença tomada por milhões de empiricos e profanos constructores da nossa terra, uma vigorosa cavilha que faça parar este licencioso e desordenado giro, tão prejudicial como aviltante á arte e ao paiz...: não hesitámos um momento em offerecer á sobredita associação alguns insignificantes trabalhos e escriptos que temos podido colligir nas horas vagas de nossas importunas e pouco lucrativas obrigações, instigados incessantemente pelos nobres desejos de ver regenerar e favorecer a mais prestante das artes liberaes, que n'esse mundo civilisado serviu sempre de barometro infallivel da cultura, da civilisação, e da moral dos povos.

Uma insignificante parte d'estes escriptos já por nós tinha sido offerecido á redacção do muito instructivo e optimo — *Jornal das Bellas-Artes*—que viu a luz publica nos primeiros mezes do anno de 1857, e do qual sómente se publicaram oito numeros; não podendo por consequencia ter seguimento e continuação os artigos que fazem parte de uma obra escripta por nós em dois grossos volumes, e parte de um terceiro, que temos compilado e illustrado, no intento de completar um tratado que abranja as tres secções, *decoração, distribuição, e construcção* que se comprehendem na arte de construir; obra á qual demos o nome de—*Estudos de architectura civil*—e

cujo programma publicámos na intenção de a darmos á luz; o que não podemos effectuar, por mil causas demasiado sabidas e notorias a quem tiver tido sinceros desejos de publicar em o nosso paiz a mais diminuta obra que precise ser illustrada com estampas bem delineadas e gravadas.

O pequeno numero de artigos que se acham inseridos no mencionado jornal de bellas-arts, apesar de não poderem ter sido revistos e corrigidos por nós, saindo portanto com alguns erros de imprensa, assim mesmo não foram mal recebidos e acceitos das pessoas conhecedoras e indulgentes; sendo esta a convicção mais animadora que nos decide agora a proseguir no intento (talvez arrojado) de darmos á luz publica os nossos deficientes trabalhos, que pessoas mais competentes e illustradas, poderão talvez corrigir e ampliar!

Para o fazermos, pois, de uma maneira cabal e satisfatoria ser-nos-ha forçoso repetir a publicação dos artigos que já foram impressos ha longo tempo, os quaes, como acima dissemos, formam uma diminuta parte da nossa obra, para não haverem lacunas na publicação, tendente a fazer conhecer a elevada transcendencia da architectura civil aos curiosos e applicados que desejam informar-se dos seus verdadeiros principios e principaes fundamentos.

Julgámos por conseguinte, que se não forem illusorias e fallazes as nossas esperanças, faremos por certo um importante serviço á associação a que nos ligámos, aos estudantes que se dedicam aos difficultosissimos estudos de architectura, e ao publico em geral. Se nos enganarmos e não podermos conseguir tão relevantes resultados, nem por isso deixaremos de ser de algum modo uteis aos nossos compatriotas, esperando dos que forem benignos, e verdadeiros conhecedores das difficuldades que tem de arrostar quem se abalança a tão arduas empresas, que pelo menos nos concederão indulgente desculpa.

Neste numero publicaremos o prefacio da alludida obra, o qual tem por fim dar uma idéa geral da arte cujos fundamentos se pretendem descrever e historiar. Seguir-se-ha o texto publicado pela devida ordem de materias e capitulos; e faremos os possiveis esforços para que tudo seja explicado com exemplos bem desenhados, gravados, ou lithographados, e enriquecido com muitas noticias curiosas e instructivas.

J. DA C. SEQUEIRA

PREFACIO

IDÉA GERAL DA ARCHITECTURA

A architectura é a arte de construir, e participa de differentes nomes segundo a diversidade, e o genero das suas construcções. Chama-se *architectura civil*, se o seu objecto se limita ao fabrico dos edificios destinados aos commodos e varios usos dos homens reunidos em sociedades policiadas. Quando o seu fim é construir sobre a agua, applicando esta a diversos serviços proveitosos á vida, e á industria dos povos, denomina-se *architectura hydraulica*. Se trata de fabricar navios, e outras machinas fluctuantes, chama-se *architectura naval*. Finalmente, diz-se *architectura militar*, quando se emprega em fortificar as cidades, e as praças de guerra, para as defender dos ataques e invasões dos inimigos, e dos esforços das machinas, e instrumentos bellicos.

É portanto evidente, que a architectura, considerada na sua ampla generalidade, e debaixo do ponto de vista de tantas e tão transcendentes applicações, torna-se por certo uma das artes, que se pôde considerar a mais util e interessante á conservação, á commodidade, e á prosperidade da especie humana.

As principaes vantagens das sociedades bem organisadas, provêm das habitações. Em quanto os homens viveram nos bosques, escondidos e como sepultados nas cavernas, ou ao fraco abrigo de rusticas cabanas, e de choças mal reparadas, expostos, por consequencia, aos rigores das intemperies, e a mil inconvenientes e incommodidades, conservaram-se indolentes, abjectos, estupidos, e quasi selvagens, e todas as suas aspirações e desejos, se limitavam unicamente á satisfação e preenchimento das necessidades mais simples e instinctivas da vida animal... Mas logo que os individuos da nossa especie se

acharam providos e cercados das commodas habitações que de ordinario chamâmos *casas*; nas quaes poderam respirar um ar livre, abrigar-se das inclemencias das estações calmosas e frias, repousarem com quietação e segurança, estudarem sem perturbação, e desfructarem, finalmente, as doçuras, as vantagens, e os commodos que provêm da sociabilidade, immediatamente se tornaram activos, vigilantes, industriosos, emprehendedores, diligentes, e inventores... Entre elles floresceram e prosperaram, por necessaria consequencia, a abundancia, a paz, a prosperidade, a alegria, e todas as conveniencias que tornam encantadora a vida social.

A invenção simplificou e moderou o trabalho, e aquillo que sómente se conseguia á custa do esforço, do cansaço, e do desgosto, se obteve, copiosa e abundantemente, com o auxilio do engenhoso artificio! Assim se satisfizeram completamente as necessidades da vida domestica, apparecendo em seguimento d'ellas, a profusão, a riqueza, e a abundancia, que entreteem e fazem progredir a civilisação e o commercio.

Nenhuma d'estas incalculaveis conveniencias se conseguem, porém, sem que primeiramente a architectura arroteie e aplane campos, abra caminhos, fabrique portos, e navios, abata montanhas, seque pantanos insalubres, transponha rios caudalosos, com o auxilio de pontes engenhosas, construa canaes, desvie torrentes, etc...; superando, e vencendo prodigiosamente, os grandes obstaculos que a natureza oppunha á prosperidade do commercio, e que, ao mesmo tempo, vedavam e impediam as permutações, e os transportes das mercadorias; assim como os dos viajantes, de umas para outras regiões do mundo, por mais longinquas e afastadas que sejam!

Com a prosperidade do commercio, crescem as riquezas, e d'estas provém o *gosto* e o *luxo*... Do gosto, e da opulencia costumam originar-se aquelles intimos prazeres que procuram ás sociedades tantos e tão grandiosos aperfeiçoamentos; que todos se podem chamar legitimos filhos da sumptuosa architectura.

Os templos, os palacios dos monarchas, e dos grandes, as praças públicas, os monumentos consagrados á gloria dos homens celebres, os theatros, as academias, os tribunaes de justiça, os salões, os jardins, e tantos outros magnificos e delectaveis instrumentos do prazer, da instrucção, e do recreio, que attraem e convidam as universaes atenções, são os testemunhos mais authenticos e solemnes que attestam ás gerações, a sabedoria, o patriotismo, a providencia, e as virtudes dos governos que emprehendem, e mandam erigir tantos padroões de utilidade e de gloria, occupando, exercendo, e aperfeiçoando a sabedoria, e os talentos dos artistas nacionaes!

A architectura tambem concorre para o soccorro e o abrigo da indigencia, convertendo os mais simples materiaes em utilissimos asylos, e hospitaes aonde se amparam, se curam, e minoram as grandes miserias, e enfermidades que perseguem e infilicitam a especie humana... Aos paizes aonde esta arte floresce, concorrem sempre em multidão os estrangeiros intelligentes e abastados, resultando d'este concurso, grandes augmentos para a industria, numerosas producções, e extraordinarios consummos, que proporcionam aos estados, e aos particulares, importantissimos lucros, contribuindo para o progresso e bem estar das familias... As ruinas da Italia, e de Roma antiga, são ainda hoje a fonte da alimentação, e da vida de Roma moderna!

A mesma cooperação e efficacia com que a architectura se presta a engrandecer e embellezar os paizes em os quaes a deixam medrar e produzir livremente, e aonde lhe ministram a mais efficaz protecção, emprega tambem em os defender das invasões dos ambiciosos, e tyrannicos visinhos, e da desenfreiada cobiça dos audaciosos *conquistadores*. As esquadras, as baterias, as fortificações, os castellos, amedrontam, e enfreiam os perturbadores da paz, e da felicidade dos povos, tornando, senão totalmente vãos, menos violentos, muito mais demorados, e difficultosos, os attentados ferozes da ambição e da tyrannia.

Com justificadas rasões, pois, deram á arte de construir, bem merecido e pomposo nome de *architectura*, o qual segundo a melhor etymologia, quer dizer, *obra principal, sciencia directora de todas as artes*; ou *arte a mais util e excellente*. Ella é, 1.º como a mestra, e a directora das artes industriaes: 2.º estreita os laços, e protege os

interesses que ligam os homens nas sociedades: 3.º produz, e augmenta o commercio: 4.º emprega as riquezas públicas e particulares em honra, proveito, e decóro dos Estados: 5.º defende as vidas, os bens, e as liberdades dos homens, amparando os fracos contra os fortes, e livrando os opprimidos dos oppressores, etc.!

Uma arte que pôde considerar-se como o mais forte e poderoso instrumento da humana felicidade, e a qual mantém o poderio, a grandeza, e a celebridade das nações, merece inquestionavelmente, as universaes homenagens, e os favores e desvelos dos grandes monarchas!... De facto, em todos os paizes cultos e bem governados, a architectura costuma ser sempre assás cultivada, cuidadosamente protegida, e muito bem remunerada... Os progressos de todas as artes uteis dependem unica, e immediatamente d'ella. Quando a architectura é protegida, honrada, e animada, a pintura, a esculptura, a gravura, e todas as outras artes decoradoras, que não pôdem subsistir sem ella, florescem, e prosperam admiravelmente; e com ellas se aperfeiçoam e engrandecem as utilissimas profissões mechanicas e fabris: porque o desenho em que todas se fundam e do qual absolutamente dependem, a nenhuma deixa de procurar recursos, e vantagens incalculaveis.

Ninguem hoje deixa de conhecer e confessar, que as sciencias, e as boas artes todas se ligam entre si, reforçando-se e coadjuvando-se mutuamente; e que é só d'esta bem entendida e franca ligação, que podem resultar incalculaveis vantagens para as grandes communi-dades...

Em que se devem fundar a prosperidade, a grandeza, a fama, o poder, e a verdadeira gloria das nações, senão nas sciencias, e nas artes?!... O seculo de Pericles, é mais famigerado pelo renome dos grandes genios que então floresceram em Athenas, do que pelas batalhas que venceram os athenienses contra os seus inimigos... O reinado de Augusto, tornou-se mais conhecido e celebrado pelas excellencias, e as obras dos Ciceros, dos Virgilio, dos Horacios, Virtruvios, e outros muitos sabios, poetas, e artistas abalisados, que então se immortalisaram; e em virtude dos assombrosos monumentos de Agrippa, do que pelas tyrannias, e proscricções de um imperador que tantas victimas sacrificava ao seu desmedido orgulho... O seculo dos Medices fez consistir a sua maior gloria nos Bramantes, nos Rafaeis, nos Migueis-Angelos, e em outros insignes artistas cujas obras marvilhosas todo o mundo celebra...

E o glorioso e prospero reinado de Luiz XIV, em que pôde estabelecer a sua pomposa supermacia e excellencia, senão nas inimitaveis produções dos celebres litteratos, e artistas sublimes, que o illustraram e ennobreceram?! As obras prodigiosas que esses genios privilegiados legaram ao mundo, abi estão ainda attestando, que só elles, e o grande monarcha que os protegéra, foram os unicos e verdadeiros instrumentos da prosperidade, e da grandeza da França, que desde aquella época começou a prosperar e a progredir.

A architectura, como até agora a temos geralmente considerado, é na verdade muito vasta e extensa em cada uma das suas partes, para que de todas se podesse tratar em um compendio, por mais volumoso que fosse... Os nossos *Estudos* apenas se referem e limitam á *architectura civil*, e ás materias que têm com ella uma intima e immediata connexão.

A importancia e o valor dos edificios, não consiste nas grandes massas de pedra amontuadas umas em cima das outras; e muito menos em caprichosas e confusas profusões de ornatos, distribuidos a esmo, deslocados, e despropositadamente empregados... Os materiaes, e os adornos em architectura, são como as palavras nos discursos, as quaes isoladamente, pouca, ou nenhuma significação têm; podendo, todavia, expressar muitissimo, quando são ligadas, e combinadas com sciencia e artificio: porque então chegam a ponto de excitar e commover os nossos affectos com illimitada força e vehemencia. Um bom poeta, é senhor de despertar nos corações sensiveis, profundas e vivas emoções com discursos mui laconicos e concisos: e de expressar com tocante energia, idéas mui triviaes... Da mesma fórma, as engenhosas composições de um architecto instruido, e de genio, darão lustre e importancia aos mais toscos materiaes; em quanto que os esforços, e as trabalhosas combinações de um artista mediocre, de

imaginação esteril e remissa, offuscarão o brilho das materias mais preciosas e importantes.

Construcção alguma se poderá chamar perfeita e completa, sem que reuna e preencha as tres condições seguintes: 1.^a *belleza*; 2.^a *commodidade*; 3.^a *consistencia*. São estas, portanto, as principaes divisões da architectura civil, e segundo a ordem das mesmas, é que julgámos dever estabelecer o methodo mais simples porque hão de ser tratadas, e estudadas: tanto mais, quanto se confôrma com o modo segundo o qual costumámos analysar qualquer construcção... A primeira cousa que pretendemos sempre distinguir e apreciar quando olhâmos para algum edificio, é a sua *belleza*, depois d'ella, a sua *commodidade*; e por ultimo, a *solidez* e *consistencia* com que fôra construido. Seguiremos, por consequencia, a ordem aqui estabelecida, isto é, na primeira parte dos seguintes *Estudos*, trataremos da *belleza*; na segunda, da *commodidade*; e na terceira, da *estabilidade*, ou da *solidez* da architectura civil.

Passaremos em revista breve, porém noticiosa e instructiva, os fecundissimos principios da mais util das artes: e sem nos vangloriarmos de confeccionar um tratado completo em que se exponham e ensinemos todos os seus complicadissimos preceitos, procuraremos dar uma idéa clara, e sufficientemente desenvolvida do que mais importa saber aos artistas que se destinam a uma tão nobre profissão; e aos homens estudiosos e amadores, que se interessam pela verdadeira prosperidade da arte de edificar.

J. DA COSTA SEQUEIRA.

ELOGIO HISTORICO

DE

JOSÉ DA COSTA E SILVA

ARCHITECTO PORTUGUEZ

Recitado na associação dos architectos civis portuguezes, na sessão publica e solemne de 22 de janeiro de 1865

PELO ABBADE—A. D. DE CASTRO E SOUSA

SOCIO DA MESMA ASSOCIAÇÃO

Erguei-vos do profundo esquecimento.

DIAS GOMES. (*Elegia 1.^a*)

O preceito que me incumbe, conforme o artigo 18.^o do regulamento interno d'este illustrado gremio, de traçar o *Elogio Historico* do sr. José da Costa e Silva, eximio architecto portuguez; mal poderei eu, dotado já de poucas forças, cumpril-o cabalmente. Affiançado todavia, pela vossa benevolã indulgencia, delinearei um rescunho do que em mais habeis mãos seria por ventura sumptuoso edificio. É um dever, é um tributo devido á patria, perpetuar a memoria dos filhos benemeritos, que lhe tem dado honra. Os homens, que a Providencia muitas vezes destina para servirem de timbres, e brazões da especie humana, illustrarem o seculo, em que apparecem, e honrarem a patria que os viu nascer, colhendo os premios, e os louvores, que por suas obras enquanto vivos, merecem, nunca foram insensiveis áquella recompensa de louvor, que lhes perpetuassem a fama, depois de terminada sua mortal existencia. Na provincia da estremadura, em vistosa planicie, nas margens do celebrado Tejo, tem seu assento a antiga Villa de Povos, fundada por Brigo, rei de Hespanha, no anno do mundo 1838, chamando-lhe *Gerabrica*, como diz o erudito antiquario André de Resende, citado pelo arcebispo de Lisboa D. Rodrigo da Cunha, o restaurador da patria, em 1640. Foi n'esta povoação que teve o berço o sr. José da Costa e Silva, aos 25 de julho de 1747: dia memoravel pela victoria do campo de Ourique, alcançada pelo primeiro rei de Portugal em 1139. Seus pais eram humildes, mas distinguiram-se pela elevação e honradez de seus sentimentos. Desde a sua infancia deu elle mostras da muita viveza, que annunciava o grande engenho de que a natureza o dotára. Concluido o estudo da instrucção primaria, insistia com elle seu pai a que seguisse a nobre carreira das armas, ou se dedicasse á vida da igreja, no convento da invocação de Santo Antonio, de religiosos Antonicos, fundado na villa da Castanheira em 1402. Uma e outra profissão eram

comtudo oppostas ao genio, e inclinações do mancebo, que já principiava a elevar-se com a leitura, e cujas aspirações todas se tornavam para o estudo das boas artes. Atormentado quotidianamente pelas solicitações e exigencias paternaes no anno de 1758, aos 11 de sua idade, eil-o que um dia deserta ao lar da familia, e faz caminho para Lisboa, onde, sem amigos nem valias, esperava ainda assim habilitar-se para engenheiro: Tal é a confiança natural da juventude, e do talento! Não tendo o privilegio do nascimento, ou a prosperidade da fortuna, duas possantes remoras que entorpecem commummente aos que foram creados em luxo e ociosidade; o sr. Costa e Silva, considerou desde logo, que a sua reputação poderia só basear-se no trabalho; assim que, n'esta cidade começa a estudar a engenharia com Fillippe Rodrigues, e o desenho de figura com Carlos Maria Ponsoni Milanes, que era mestre de desenho no Real Collegio dos Nobres. Porém a architectura, que foi no mundo a primeira das artes, praticas, mudando aos homens o refugio das cavernas em mais commodo albergue: a que ainda hoje entre as bellas artes logra a primazia, por quanto ao donaire das fôrmas; para enlevo dos sentidos, traz sempre vinculada a utilidade, o que nem sempre succede ás outras; esse invento admiravel, que desde a cabana do pastor se foi gradualmente elevando, até aos templos dos deoses, e palacios dos monarchas, foi o estudo mais aceito ao remontado genio do sr. José da Costa e Silva, que as primeiras lições recebeu do architecto Lani Bolonhez; tornando-se logo notavel entre os seus condiscipulos, já pela vivacidade do espirito, já pela facilidade com que tudo aprendia; era terreno fertil, e disposto para todo o genero de cultura. No anno de 1750, tinham vindo a Portugal o dr. João Angelo Brunelli, Ciera, Lani e outros, chamados por el-rei, o sr. D. João V, para irem fazer as demarcações na colonia do Sacramento, o que levaram a effeito em 1753. O dr. Brunelli (1), voltando a Lisboa, no anno de 1761, e vendo que o sr. Costa e Silva, durante os seus estudos, tinha dado e continuava a dar exuberantes provas de grande applicação, e intelligencia, o tomou á sua protecção; e como depois desejasse ir a Bolonha, sua patria, o quiz levar comsigo; e assim tratou de lhe obter do governo uma pensão de 200\$000 réis annuaes, como pensionista viajante, sujeito á superior inspecção do ministro diplomatico portuguez residente no paiz onde fosse estudar. O dr. Brunelli tambem muito desejava que o seu protegido, pelo trato das gentes, mais facilmente aprendesse os costumes, e indole dos homens, do que pela leitura de grossos volumes. Alcançada a pensão, partiram ambos em março de 1769, tendo o sr. José da Costa e Silva 22 annos de idade. Em Bolonha, como nas outras cidades, o bom gosto da architectura tinha-se corrompido. O auctor das *Maravilhas do genio do homem*, (2) diz: «A architectura, está observado, vai ao pendor dos costumes das nações. Amavel em povo amavel, forte em povo forte, religiosa em povo religioso, prostitue-se e decae sob os governos «fracos, e corrompidos. No seculo 18.^o a architectura teve esta ine- «vitavel sorte, e ganhou em ornatos vãos o que perdeu em gravidade, «e nobreza». Mauro Tezi, que foi considerado como restaurador da boa maneira, teve por discipulo Petronio Fancelli, excellente pintor de perspectiva, que o sr. Costa e Silva elegeu para ser seu mestre, mas frequentou a sua escola só anno e meio, porque elle passou a Veneza. Então tomou Carlos Bianchoni, grande desenhador, pintor de historia, e architecto civil para seu segundo mestre.

Pela sua dedicação ao estudo, em que de dia para dia fazia grandes progressos, obteve primeiramente um premio de segunda classe, e no anno seguinte outro da primeira; porém, proseguindo cada vez mais com efficacia o estudo, foi no anno de 1775, aos 28 annos de idade, recebido entre os academicos de honra e merito, na universidade de Bolonha. Tendo pois o sr. José da Costa e Silva permanecido seis annos na cidade de Bolonha, berço dos Caraccis, Guido Reni, Albano, Dominichino, e outros artistas famosos; e augmentado muito os seus conhecimentos, passou no já referido anno de 1775 a Roma, mãi classica das artes, afim de n'aquella cidade, observar, es-

(1) Foi lente de arithmetica, e geometria, na Academia Real de Marinha, em 1779, e socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, de Paris, Berlin, e de Basilea na Suissa.

(2) Amédée de Bast. Tomo 1.^o

tudar, e copiar as boas cousas da architectura, e tratar com os mais notaveis artistas, ouvindo as regras, e lições de tão abalisados mestres; frequentando, além d'isso a academia (1) que ali tinha fundado a grandeza de animo d'el-rei, o sr. D. João V: que foi em Portugal, melhor que Francisco I em França, o verdadeiro restaurador, protector, e conservador das letras e dos sabios; a estes honrou enriquecendo-os com mão larga, e áquellas com beneficios perduraveis; muito embora se diga o contrario! Mas como o espirito do sr. Costa e Silva, lhe exaltava as idéas, e tambem por satisfazer aos desejos de perpetuar seu nome na posteridade, não querendo aliás passar o tempo em ocio, determinou ir ás cidades do reino de Napoles, com o intuito de inquerir as antiguidades, de Pouzol, Baja, e Herculano; á de Vicenza e Veneza, famosas pelas obras de André Palladio; Verona, recommendavel pelo amphitheatro romano; a Florença, paiz natal do papa Leão X, que foi liberal, amigo, e protector dos sabios; que é olhado na historia como auctor da cultura e do verdadeiro progresso das sciencias e das artes; nem finalmente lhe passou por alto a de Pisa, por causa da torre inclinada (que se chama o *Campanile torto*), como a de Saragoça. E como tivesse já chegado á sua patria a fama de seus talentos, e da somma immensa de seus estudos, as provas, até ali dadas do seu saber, a promptidão, e facilidade assim no traçar, como em executar; em setembro de 1779, foi por carta do conselheiro da real fazenda, Joaquim Ignacio da Cruz, senhor do Sobral, convidado por parte do ministerio, para vir occupar na Universidade de Coimbra, a cadeira de architectura, que se achava então vaga. Apparece já uma recompensa de tão publico e reconhecido merito; porém, a modestia do sr. José da Costa e Silva, agradece, mas não aceita o convite. Circumdado d'estes primeiros, e immarcesciveis louros se restituiu á sua patria; e se elle era já um excellente architecto, na theoria, não podia ser menos admirado, e respeitado na pratica.

Logo que chegou a Lisboa, em 1780, é convidado pelos confrades da nação italiana para construir a capella-mór da sua igreja da invocação de Nossa Senhora do Loreto, que estavam fazendo reedificar, depois do terremoto e incendio de 1755. Este primeiro passo do sr. Costa e Silva para o templo da Fama, lhe affiançou n'elle a sua entrada, e permanencia; e, sem eclipsar jámais, se ella começou na sua aurora, continúa ainda, e continuará ainda, depois do seu occaso.

Elle envia á academia de S. Lucas de Roma alguns desenhos de sua composição, que em recompensa do seu distincto merecimento, lhe são retribuidos em 23 de novembro de 1781, com o diploma de academico de merito, d'aquella notavel academia, que no reinado de Luiz XIII, em 1676 fôra reunida á de Paris. Quando no citado anno de 1781, por alvará de 23 de agosto foi creada na nova aula de desenho, a cadeira de architectura, é n'ella provido o sr. José da Costa e Silva.

Toma posse, e na cadeira, a abundancia das palavras, a sua precisão, ordem, harmonia, e clareza das idéas nasciam de um fundo inexgotavel de conhecimentos. Não era a secura de um compendio explicado, era a profusão da doutrina, era o deposito da architectura universal bebida nas melhores fontes; a perspicacia de suas imagens, como um toque electrico, passava ao entendimento dos ouvintes; e mui pouco deveria á natureza quem, com uma só lição de tal professor não ficasse logo apto a dar a rasão do que escutava, e aprendia. Conhecia o erudito professor, que o mais alto brazão, é como dizia um eloquente romano, ensinar e instruir a mocidade.

No anno de 1789, foi o sr. Costa e Silva, incumbido pelo visconde de Villa Nova da Cerveira, ministro e secretario d'estado, e inspector geral das obras publicas, de fazer o risco e desenho para o novo edificio do erario regio, e archivo (2), de que teve um premio, e sendo director da obra, com a promessa do referido ministro e inspector, de vir a succeder no lugar de architecto das obras publicas, o major Reynaldo Manuel dos Santos; o que se não levou a effeito (fallecendo Reynaldo, em 1790) por travessuras da inveja. Os

(1) Onde tinha estudado o insigne Francisco Vieira de Mattos, chamado o *Lu-sitano*, e outros artistas portuguezes.

(2) O modelo feito em madeira, d'este novo erario regio e archivo, estava na repartição das obras publicas.

fundamentos do novo erario, se lançaram no lugar (hoje praça do Principe real) onde estivera a santa Igreja Patriarchal, que se queimou em 13 de maio de 1769: e tendo esta obra sido começada debaixo de um plano magnifico, e summamente apropriado aos seus fins, não foi continuada pelas urgencias do estado, e por causa da grande revolução de França, que forcejava por fazer triumphar nos mais estados da Europa os seus principios! No anno de 1792, foi o sr. José da Costa e Silva encarregado pelos contractadores do tabaco, barão de Quintella, Anselmo José da Cruz Sobral, Bandeira, Caldas, e Machado, para sob a inspecção do desembargador Sebastião Antonio da Cruz Sobral, traçar a planta e alçado do real theatro da invocação, de S. Carlos (1) (em obsequio á sr.^a D. Carlota Joaquina de Bourbon, esposa do principe, o sr. D. João, depois rei sexto do nome em Portugal). Este theatro destinado exclusivamente á opera italiana, e á dança, é um dos mais bellos, e mais consideraveis edificios d'esta cidade de Lisboa; e sem contestação pôde ser collocado a par dos primeiros da Europa. Pela serenissima senhora D. Maria Francisca Benedicta, viuva do principe, o senhor D. José, neto e herdeiro do senhor rei D. José I, delicias, e esperanças da nação, foi o sr. Costa e Silva, incumbido da planta, alçado, e côrtes do seu piedoso e real asylo de militares invalidos (titulo, que mais a honra, do que muitos dos que lhe são devidos), que fundou no anno de 1792, no lugar de Runa. Foi esta obra executada sob a inspecção de Sebastião Francisco de Mendo Fragozo Homem de Magalhães, nome bem conhecido na republica das letras. Contém o edificio um hospital, um palaceto, e no centro um templo, cuja planta é uma cruz latina, enriquecido com bellas estatuas (2). Quando pelos annos de 1795 se incendiou a sumptuosa barraca, ou casa regia de campo, construida de madeira, e contigua ao templo da invocação de Nossa Senhora da Ajuda; casa que fôra edificada logo depois do fatal terremoto de 1755; foi o sr. José da Costa e Silva, encarregado pelo marquez de Ponte de Lima, ministro de estado, e inspector das obras publicas da planta, e risco para um novo e grandioso palacio com a invocação de Nossa Senhora da Ajuda. No anno de 1802, foi por D. Rodrigo de Sousa Coutinho, ministro de estado, e inspector das obras publicas, e reaes, nomeado o sr. Costa e Silva architecto da obra do novo palacio; cujo estylo é o da escola italiana, dominante no 18.^o seculo. Achava-se o sr. José da Costa e Silva, com a laboriosa direcção do palacio da Ajuda, quando no anno de 1812, é chamado pelo soberano, á côrte do Rio de Janeiro; para em novo hemispherio serem ainda aproveitados os seus vastos conhecimentos architectonicos, de que provas havia já de sobejo, e foi a ultima a planta, e risco que delineou da varanda, e pavilhão real, para celebração do magnifico, e espectavel auto da real aclamação do muito alto, e muito poderoso rei fidelissimo o senhor D. João VI, no dia 6 de fevereiro de 1818 (3). Pindaro, poeta grego, que foi sublime nas palavras, copioso nas sentenças, e inimitavel no genio, disse, em uma das suas bellas odes, que quem vê despontar na esphera um dia brilhante, filho do sol, não deve capacitar-se de que o verá transpôr no occaso revestido da mesma serenidade. Esta idéa sublime do lyrico thebano, contém em si a historia da existencia do homem.

Ao sr. Costa e Silva, nos seus ultimos annos, em differente clima, já quebrantado de tanto lidar, em peregrinações, e trabalhos, na idade de 72 annos, o vem colher a Parca inexoravel, esta jurada inimiga dos viventes quando batendo a tesoura, e lhe corta o fio da vida aos 21 de março de 1819. Jaz na casa do capitulo dos religiosos Antonicos, da cidade do Rio de Janeiro. Notavel é esta coincidencia de ser sepultado no convento da ordem, onde seu pae desejava que elle houvesse professado!

(1) A primeira representação n'este theatro teve lugar na noite do dia 29 de abril de 1793 para festejar o nascimento da princeza da Beira, a senhora D. Maria Thereza, primeira filha d'el-rei o sr. D. João VI.

(2) No dia 25 de julho de 1827, anniversario da sua fundadora, foi que se abriu este asylo pela vez primeira.

(3) Senado da camara do Rio de Janeiro, mandou por esta ocasião, cunhar umas medalhas de ouro, de prata, e de cobre, para dar a varias pessoas. N'ellas se observa de um lado o busto d'el-rei, com a inscripção: JOANNES VI. D. G. U. R. PORT. BRAS. ET ALG. REX. E no exergo gravada a varanda e pavilhão real, com a legenda: JOANNI SEXTO SENATUS FLUMINENSIS SEXTO FEBR. ANNI DOM. 1818

O sr. José da Costa e Silva conservou sempre equilibrada a mesma modestia, sem que a perspicacissima agudeza da malícia lhe podesse descobrir um só vislumbre d'aquella vaidade, que não anda muito separada dos grandes talentos. E posto conhecesse quanto é precario o favor dos principes, e quão facilmente se perde a acceitação nos paços; contudo foi elle sempre bem acolhido dos reis, e principes, a quem serviu com grande affecto, respeito, e fidelidade pelo espaço de 38 annos. Livre de enredos palacianos, sempre motivados pela emulação, a vida inteira do sr. Costa e Silva attesta, que elle havia nascido para dar credito ás artes, e honra á sua patria. Mostrando desde os primeiros annos uma propensão irresistivel para as boas artes, pelo estudo assiduo, e perseverança pôde triumphar de todos os obstaculos, e abrir caminho para servir o seu paiz com reputação, que foi sempre o objecto da sua ambição. Foi cavalleiro da ordem militar de Christo.

A leitura dos *Triumphos de Melciades* inspirou acções admiraveis no animo de Themistoiles, bem como a de Alexandre, decidiram Cesar a acabar empresas famosas. Igual, e não menos honorifico motivo me incitou a levantar a planta do *Elogio Historico do sr. José da Costa, e Silva*; não com o romantico do tempo, porque esse o não sei, mas sim com o resumo d'aquellas noticias que chegaram ao meu fraco alcance. Se o meu lapis, por inefficaz não foi capaz a desenhar o distincto merito de tão egregio architecto portuguez, supra o ardor dos votos, a rudeza do traço.—Disse.

ELOGIO HISTORICO

DO ARCHITECTO

JOÃO FREDERICO LUDOVICE

Recitado na sessão solemne de 22 de janeiro de 1865

Se as artes são o fructo da civilisação, e ao mesmo tempo o livro onde se escreve a historia com mais verdade; se ellas são como espelho em que se retratam fielmente as crenças e aspirações, as instituições politicas e civis, os habitos e costumes, as praticas e usos, a indole e o espirito de cada povo; deve sem duvida a vida dos artistas ser considerada como um interessante elemento da historia das nações.

Mas se o artista se extremou dos mais pela elevação do seu talento, ou como legislador da arte, aquelle interesse subirá muito de ponto para os homens estudiosos.

As grandes innovações nas artes, as descobertas nas sciencias, e as reformas no regimen da sociedade, embora sejam o resultado da marcha progressiva da humanidade, são communmente representadas ou personificadas em individuos, que a Providencia levou a darem novo rumo ou maior lustre ás artes, mais auctoridade e extensão ás sciencias, e nova fôrma ou nova direcção ao governo do estado.

Então a vida d'esses homens predestinados não é unicamente um elemento historico, é, pelo menos para o seu paiz, um capitulo importante da historta da arte, ou do progresso da sciencia, ou em fim das variadas phases do governo das nações.

Acha-se n'este caso o artista de quem vou occupar-me. Não poderei dizer que a scentelha do genio lhe illuminava a fronte e dirigia o braço. Mas é certo que não carecia de talentos para avultar em qualquer paiz civilisado; e, o que mais nos importa, foi para nós um innovador.

João Frederico Ludovice foi, pôde dizer-se affoitamente, o fundador de uma nova escola de architectura em Portugal, ou para fallar com mais propriedade, e lhe dar um titulo de muito mais apreço aos nossos olhos, chamar-lhe-hei o restaurador da architectura entre nós depois da sua longa e triste decadencia.

O assumpto são portanto dos estreitos limites de uma biographia para entrar natural, e desassombradamente no vasto campo da historia da arte.

Porém, para que se possa mais facilmente conhecer a influencia que Ludovice exerceu na architectura portugueza, e a importancia do serviço que lhe prestou, é necessario preceder esse estudo de um

esboço historico d'este ramo da arte em Portugal até á época em que appareceu entre nós aquelle artista.

Os romanos, que estenderam a luz da civilisação até onde levaram as suas aguias victoriosas, implantaram na Lusitania as artes que floreciam em Roma. Até esta época achavam-se os Lusitanos em um estado quasi de barbaridade; digo quasi, para os differenciar dos allemães, a quem os romanos encontraram na sua primeira invasão muito mais rudes e selvagens. Entretanto a *cava de Viriato*, junto a Vizeu, que ainda estava bem conservada no principio do seculo passado, e da qual existem minuciosas descripções; algumas sepulturas descobertas em diversas épocas; e as duas estatuas que se vêem á entrada do jardim botanico d'Ajuda, achadas em uma excavação no anno de 1785, provam que a architectura e a escultura estavam na infancia da arte entre os Lusitanos, quando a altiva Roma se esforçava por submeter ao seu jugo este povo tão zeloso da sua liberdade, tão indomito mantenedor da sua independencia.

Os romanos, triumphando alfin de todas as resistencias, souberam affeição por tal modo ás suas leis, usos e costumes o paiz conquistado, que as artes de Roma enraizaram-se promptamente no solo virgem da Lusitania, e em breve chegaram a subido grão de desenvolvimento e perfeição.

O theatro romano que se descobriu em Lisboa; a formosa columna corynthia que serve de pelourinho á cidade de Setubal; e muitas outras esculturas em marmore, prata e bronze desenterradas d'entre as ruinas de Cetobriga; o templo de Diana em Evora, com as suas columnas corynthias de primoroso lavor; o arco triumphal de Sertorio, da praça d'Evora, e o templo do deos Endovellico junto a Terena, cujos despojos adornam o claustro e o refeitório do collegio dos jesuitas da mesma cidade, hoje convertido em casa Pia; os mosaicos, os vasos, urnas e bustos de marmore; os candelabros, collares, anneis, e medalhas de oiro, prata, e bronze e algumas figuras d'este ultimo metal descobertos em excavações casuaes, principalmente nas provincias do Alemtejo e Extremadura em differentes tempos; todas estas e outras preciosidades artisticas de que tenho conhecimento ou achado noticia, dão solemne testemunho do progresso das artes na Lusitania sob o dominio dos romanos.

Quando se alluiu o imperio dos Cezares ao duro embate dos barbaros do norte, os invasores saciaram nos monumentos de Roma a sede de vingança por tantos annos nutrida, por continuas affrontas inflamada e pelos revezes da guerra até então sofreada.

Abatido o colosso, que servira de dique áquelle mar de populações guerreiras e cubicosas de trocarem as suas terras inhospitas pelos climas temperados do occidente, arremecaram-se esses povos contra o imperio romano até inundarem os ultimos recantos das suas mais longinquas provincias.

A Lusitania foi em breve talada por essas innumeraveis hordas, que vinham umas após outras como ondas embravecidas que o tufo impelle.

Aos primeiros que se apresentaram ás suas portas affastou Lisboa a pezo de oiro. Porém os segundos não se contentaram só com dinheiro, quizeram o dominio da cidade, e no meio da embriaguez da victoria acendeu-se-lhes a sanha contra tudo que commemorava o nome e o poder de Roma. D'est'arte viu Lisboa, e toda a Lusitania confundidos no pó os monumentos da civilisação romana.

Nas frias regiões do norte da Europa, donde saíram os destruidores do imperio romano, dominava então um genero d'architectura meio nacional meio estrangeiro. Era um mixto do estilo bysantino e da arte rude d'aquelles povos.

Assim como a architectura romana, levada á antiga Bysancio pelo imperador Constantino, o grande, se modificara pouco depois da fundação de Constantinopla, aceitando certas fôrmas da architectura oriental, e constituindo d'este modo esse estilo chamado bysantino, representante das duas diversas civilisações, que ali vieram a achar-se em face uma da outra; assim este estilo, irradiando-se d'aquelle novo foco d'artes até ás regiões barbaras do norte, foi ahi recebido, mas accommodado á rudesza dos costumes, á singelesa do viver, e ao atraso das artes.

Quando os alanos, os suevos, godos, visigodos, e outras nações

d'esses paizes septentrionaes se derramaram pelo centro e meio dia da Europa, erigiram este genero d'architectura meio bysantino meio barbaro sobre as ruinas da arte romana. Recebendo porém novas modificações nos diversos paizes em que se estabeleceu, formaram-se d'esta architectura diferentes estilos, que do nome dos povos que os crearam, são hoje denominados pelos archeologos: *estilo saxonio*, *estilo normando*, *estilo lombardo*, etc. Não vem agora para o meu proposito descrever os caracteres de cada um d'esses estilos. Basta-me só observar que foi esta a architectura da idade media, a qual abrangue o longo periodo de cinco seculos, desde o seculo 6.º, em que principiou, até ao 11.º, em que cedeu o passo á architectura ogival, que chamamos gothico puro.

Os vencedores dos romanos na Lusitania disputaram por muito tempo entre si proprios o dominio da terra conquistada. Esta circumstancia, além da de viverem em paiz inimigo, trouxe-lhes a necessidade de modificarem a architectura que tinham introduzido, dando não só aos seus palacios ou casas principaes de habitação, mas até aos templos, a fórma de fortalezas; pois que muitas vezes se viam no extremo de se acolherem ás egrejas para defender a vida e a liberdade de cima das suas abobadas, e atravez das ameias que as guarneciam. A esta architectura meio religiosa meio guerreiro poder-se-ha dar o nome de *normando-militar*, porque foram os normandos os primeiros que a usaram.

D'essas diferentes nações barbaras, que invadiram a Lusitania, a que por mais tempo a dominou foi a dos visigodos. Porém, quando ao cabo de pouco mais de dois seculos de senhorio, se viu a seu turno vencida e subjugada pelos moiros, começava apenas a civilisar-se. Dos poucos monumentos em que deixaram vestigios de algum progresso nas artes, nenhum coube em sorte ao nosso paiz. Só a Hespanha os possui.

Os arabes entraram barbaros na Peninsula, mas a sua imaginação viva e ardente, impressionada pela doçura do clima, e por muitas bellezas naturaes, que a sua Africa lhes negava, encurtou-lhes o caminho da civilisação. Ao passo que firmavam o seu poder, e desenvolviam pela industria a riqueza publica nos seus estados, percorriam com gloria a carreira das letras e das artes.

A architectura que introduziram na Hespanha, a qual seus antepassados trouxeram do Oriente para Africa, onde degenerára, amesquinhando-se, tomou em breve uma fórma nova, esbelta, graciosa, original, toda sua, que nasceu e morreu com o imperio arabe da Peninsula Iberica. Porém esta brilhante luz concentrou-se, por assim dizer, na Andaluzia. Ás proprias povoações mauritanas do nosso paiz apenas chegavam frouxos raios d'ella, e tão frouxos, que raros padrões nos legaram que atestassem o seu adiantamento artistico.

Em quanto os moiros poetisavam no marmore os ornamentos gentis do Alcazar de Sevilha, da Alhambra de Granada, e da sua mesquita de Cordova, hoje cathedral, os seus contendores, como que extranhos em terra propria, e ainda ha pouco vivendo vida selvagem entre os fragedos de serras inhospitas, que lhes serviam de castellos, achavam-se no mais deploravel atraso, sobre tudo em materias d'arte.

Quando, já fortalecidos por successivos triumphos, desceram das montanhas das Asturias para fundar o reino de Leão, as artes christãs tinham retrogradado d'esse tal ou qual estado de adiantamento, que haviam attingido ao desmoronar-se a monarchia dos godos. Assim pois viram-se na necessidade de se valerem de architectos e mais artistas arabes, uns por dinheiro, outros forçados como prisioneiros de guerra, para lhes levantarem algum edificio mais importante.

D'este modo principiaram a inocular-se certas feições da architectura arabe, primeiramente no estilo normando ou gothico-normando, depois no gothico puro ou ogival, e também mais tarde nas suas degenerações.

Nestas mesmas circumstancias se achava Portugal ao tempo que a espada victoriosa de D. Affonso Henriques lhe ia alargando as fronteiras.

Continúa

O socio J. VILHENA BARBOZA.

BOLETIM DO TRIMESTRE

ABRIL A JUNHO 1865

O INSTITUTO real dos architectos britannicos no seu relatorio d'este anno, faz menção da maneira intelligente como o nosso collega e socio fundador, o sr. Lucas José dos Santos Pereira se tem havido na restauração executada sob a sua habil direcção, feita no precioso monumento historico e artistico da Batatha.

OFFERECEU o ex.^{mo} sr. João Carlos Infante de Sequeira Corrêa da Silva, á associação dos architectos civis portuguezes, um bello portal de estilo arabe; que este illustre cavalheiro possuia na sua propriedade de Thomar, para enriquecer o nosso museu de archeologia: o qual pôde ser examinado no edificio gothico do Carmo.

O NOSSO digno socio correspondente o ex.^{mo} sr. Pietro, offereceu igualmente para o mesmo museu archeologico, tres pedras que serviram de cabeceiras ás sepulturas dos cavalleiros templarios em Thomar; sendo estas pedras as unicas que escaparam ao vandalismo do furor estúpido dos destruidores dos monumentos nacionaes.

A COLLECÇÃO das amostras dos diferentes materiaes do nosso paiz, que a associação solicitou do governo, e essa valiosa aquisição lhe foi concedida, se augmenta todos os dias, vindo dos diversos districtos do reino. Consta já de 29 amostras do districto do Porto, de 41 ditas de Villa Real, 23 ditas de Vizeu, 105 ditas de Evora, 20 ditas de Bragança e 57 ditas de Estremoz.

A ASSOCIAÇÃO promotora para os conhecimentos da architectura civil nos Paizes Baixos, presenteou a associação dos architectos portuguezes com diversas obras e estampas de architectura, que os dignos socios d'aquella respeitavel associação têm executado no seu paiz; são gravuras muito bem executadas e composições de merecimento. O secretario mr. Leliman foi nomeado socio honorario.

O DISTINCTO director e professor de escultura da academia das bellas artes de Lisboa, e nosso digno socio amador, o sr. Francisco de Assis Rodrigues acaba de ser agraciado pelo soberano com o grau de official da ordem de S. Thiago; foi distincção bem merecida, pelas qualidades, saber e serviços do agraciado.

NO CONCURSO do projecto de um monumento para s. m. o imperador duque de Bragança, que se levantará na praça de D. Pedro entre os 87 artistas concorrentes nacionaes e estrangeiros, mereceu o 2.º premio o nosso socio artista o sr. Antonio Thomaz da Fonseca.

O INSTITUTO real dos architectos britannicos remetteu para a associação dos architectos portuguezes, um livro elaborado por aquelle respeitavel instituto, em que propõem soluções sobre diversos assumptos architectonicos, para que os nossos socios architectos concorram para resolver aquelles themas.

O GOVERNO portuguez nomeou uma commissão para tratar dos projectos necessarios aos melhoramentos d'esta capital; sendo composta dos srs. Joaquim Julio de Carvalho, Joaquim Possidonio Narciso da Silva, Pedro José Pezarat, e do conselheiro dr. Abranches. Já se installou e requisitou o pessoal necessario para os difficeis trabalhos que tem a elaborar; era providencia ha muito reclamada, tanto para se aformosear a cidade, como apurar o gosto na arte de edificar e haver commodidades nas habitações.

PARTIU no mez passado para as provincias do norte, o nosso digno socio amador o sr. Vilhena Barbosa, afim de continuar as suas investigações archeologicas. O seu amor pelas bellas artes e principalmente pelos nossos monumentos lhe merece séria attenção, e ninguém melhor do que s. s.^a sabe avaliar o seu merecimento e fazer-o conhecer aos outros com o seu pittoresco e ameno estylo.

NOMEOU a nossa associação socio honorario ao distincto mr. Fiorelli, inspector geral e director do museu e escavações de Pompéa.

A COMMISSÃO local das bellas artes de Lisboa, nomeada pela commissão central da exposição portugueza, convidou a associação dos architectos para nomearem tres membros para se agregarem á dita commissão: foram eleitos os socios artistas J. P. N. da Silva, J. da Costa Sequeira e A. T. da Fonseca.

PLANTA GERAL
D O
REAL PALACIO E EXTINCTO CONVENTO
D E
M A F R A

Obra mandada construir por El Rei D. João V. no anno de 1711

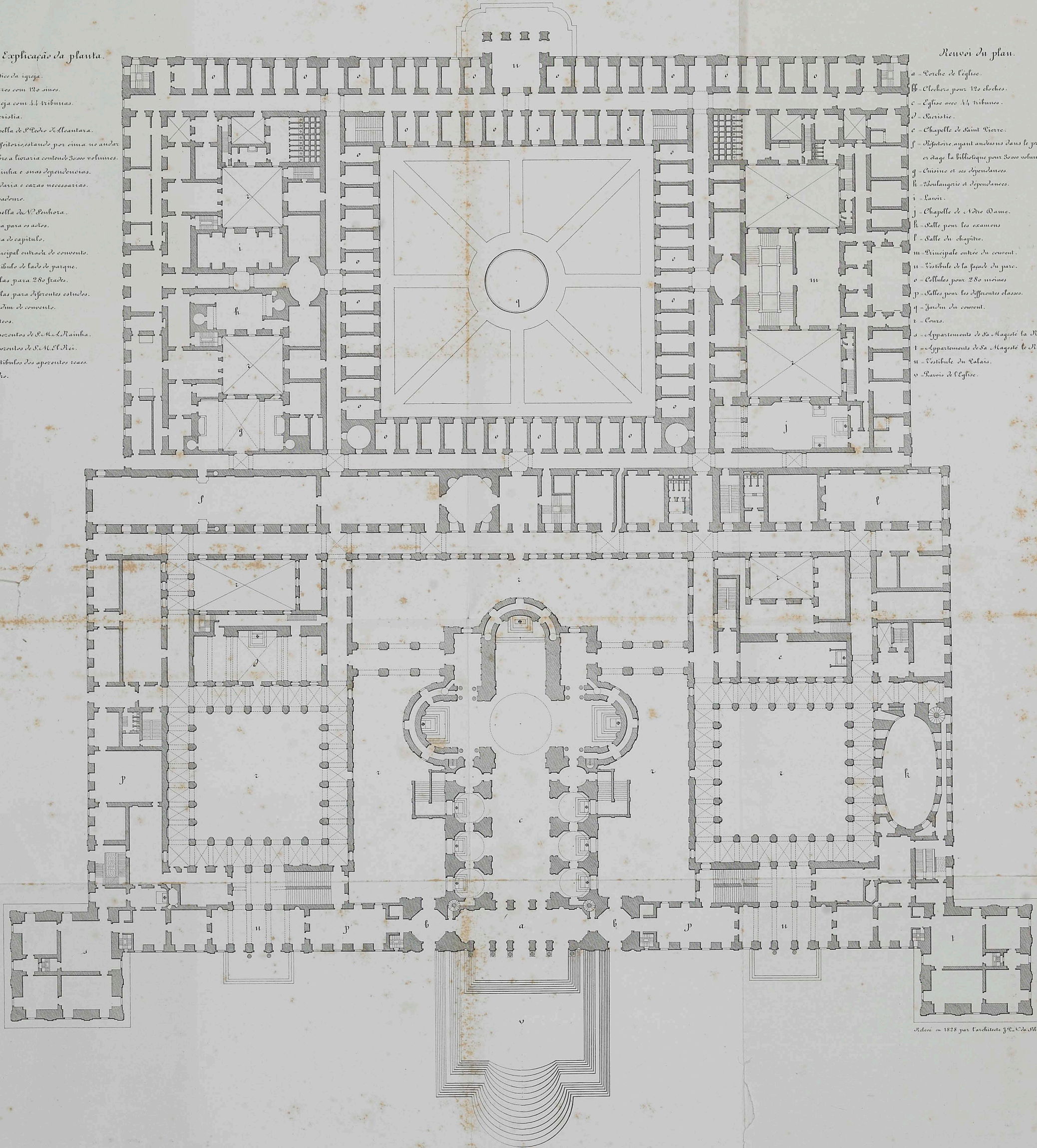
Architecto João Frederico Lindoive

Explicação da planta.

- a - Portico da igreja.
- bb - Torres com 120 sinos.
- c - Igreja com 44 tribunas.
- d - Sacristia.
- e - Capella de S. Pedro e S. Antonio.
- f - Refeitório, estando por cima no andar nobre a livraria contendo 3000 volumes.
- g - Cozinha e suas dependencias.
- h - Sala para os actos.
- i - Lavandaria.
- j - Capella de S. Benedito.
- k - Sala para os actos.
- l - Casa de capitulo.
- m - Principal entrada do convento.
- n - Vestibulo de lado de parre.
- o - Cellas para 280 freiras.
- p - Salas para diferentes estudos.
- q - Jardim do convento.
- r - Portico.
- s - Apartamentos de S. M. a Rainha.
- t - Apartamentos de S. M. o Rei.
- u - Vestibulo dos apartamentos reais.
- v - Alcaide.

Renvoi du plan.

- a - Portico de l'église.
- bb - Clochers pour 120 cloches.
- c - Eglise avec 44 tribunes.
- d - Sacristie.
- e - Chapelle de Saint Pierre.
- f - Refectoire ayant au-dessus dans le premier étage la bibliothèque pour 3000 volumes.
- g - Cuisine et ses dépendances.
- h - Salon pour les audiences.
- i - Lavoir.
- j - Chapelle de Saint Benoît.
- k - Salle pour les examens.
- l - Salle du chapitre.
- m - Principale entrée du couvent.
- n - Vestibule de la façade du paré.
- o - Cellules pour 280 moines.
- p - Salles pour les différentes classes.
- q - Jardin du couvent.
- r - Cours.
- s - Appartements de Sa Majesté la Reine.
- t - Appartements de Sa Majesté le Roi.
- u - Vestibule du Palais.
- v - Récus de l'église.



Relato em 1828 por l'architecte J. M. de Almeida.

Escala

0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100 metros